

## OS MODOS EM SEXTO: TEORIA E PRÁTICA

**Richard Bett**  
Johns Hopkins University  
Email: rbett1@jhu.edu

Tradução: Fernando Sousa Moura  
Unifesp  
Email: fernandosousamoura@gmail.com

Revisão técnica: Plínio Junqueira Smith  
Unifesp  
Email: plinio.smith@gmail.com

Os modos pirrônicos são formas padronizadas de argumentos projetados para induzir a suspensão do juízo. Eles aparecem, de longe em sua forma mais extensa, no livro I dos *Esboços pirrônicos* de Sexto Empírico (PH 1.35-186). Sexto nos apresenta um grupo de Dez Modos, que ele atribui aos “céticos antigos” (PH 1.36) e, em outro lugar, a Enesidemo (M 7.345); um grupo de Cinco Modos, atribuídos aos “céticos mais recentes” (PH 1.164); um grupo de Dois Modos, que são de fato uma versão comprimida dos Cinco Modos<sup>1</sup>; e um grupo de Oito Modos direcionados contra explicações causais, que ele atribui a Enesidemo (PH 1.180). Versões dos Dez e dos Cinco Modos também aparecem em *Vida de Pirro* (9.79-89) de Diógenes Laércio. Diógenes atribui os Cinco Modos a uma pessoa chamada Agripa, mas isso é de pouca ajuda, uma vez que esse Agripa não é encontrado em fontes da antiguidade, exceto como título de um livro mencionado por Diógenes em outra parte desse mesmo livro (9.106) – e o autor daquele, Apeles, também é alguém que não sabemos nada. À parte disso, há ecos e comentários sobre os modos, especialmente os Dez Modos, em muitos outros autores<sup>2</sup>; estes às vezes podem oferecer informação valiosa em relação a detalhes, mas eles não nos dizem muito sobre como os modos de fato funcionam. O relato de Diógenes é breve e não é dado a explicações, especialmente no que diz respeito aos Cinco Modos; embora esse relato certamente também possa nos dizer coisas que valem a pena saber – e veremos alguns exemplos disso, – está claro que, para chegar a uma noção do que os modos foram como instrumentos filosóficos vivos nas mãos de um verdadeiro praticante do pirronismo, devemos confiar quase inteiramente em Sexto<sup>3</sup>.

Podemos adicionar a isso que a descrição de Sexto sobre os Oito Modos da explicação causal também é bastante breve e não desenvolvida. Em vez de dar

---

Este artigo foi originalmente publicado no livro *How to Be a Pyrrhonist: the Practice and Significance of Pyrrhonian Skepticism*, Cambridge: Cambridge University Press, 2019, p. 108-130. Agradecemos à Cambridge University Press e a Richard Bett a autorização para publicar a presente tradução.

<sup>1</sup> Sobre isso, ver Barnes 1990, 116-19.

<sup>2</sup> Para um breve relato sobre as fontes dos Dez Modos por fora de Sexto e Diógenes, ver Annas e Barnes 1985, capítulo 3.

<sup>3</sup> Sobre os Dez Modos em Diógenes, ver Sedley 2015.

algum detalhe sobre como parecem ser os argumentos desses modos, Sexto menciona apenas o caráter geral de cada um, dedicando usualmente não mais que uma frase para cada um deles (*PH* 1.180-5). Tendo feito isso, ele muda de direção imediatamente e explica como os Cinco Modos, discutidos brevemente no ponto anterior (*PH* 1.164-77), também podem ser usados contra explicações causais – e os Oito Modos nunca são mencionados novamente<sup>4</sup>. Parece que Sexto não se sente particularmente confortável com os Oito Modos; ele sente alguma obrigação de mencioná-los pelo bem da completude, mas abandona o assunto o quanto antes<sup>5</sup>. E assim, mantendo em mente que os Dois Modos não são de fato distintos dos Cinco Modos, isso leva aos Dez e Cinco Modos, na versão de Sexto deles, como os mais prováveis de serem de seu interesse.

Não sendo assim, portanto, surpreendente que os Dez e os Cinco modos, principalmente expostos por Sextos, têm sido assunto de um bom número de análises filosoficamente sutis em estudos acadêmicos recentes<sup>6</sup>. No que se segue, considerarei o assunto e propósito desses modos em sua exposição oficial de Sexto; e incluirei alguns comentários sobre o trabalho de outros interpretes. Mas eu também quero levar em consideração outra questão que não foi dada muita atenção, ao menos em detalhe: como, e em qual contexto, Sexto usa de fato esses modos em seus escritos como um todo. Na medida em que o livro I dos *Esboços Pirrônicos* são uma abordagem geral do tipo de ceticismo de Sexto, todos os demais livros sobreviventes de sua *oeuvre* pertencem ao que ele chama de lado “específico” do ceticismo (*PH* 1.5-6), onde se coloca em escrutínio as teorias dos pensadores não-céticos e promove a suspensão do juízo sobre os tópicos que eles reivindicam terem descoberto a verdade<sup>7</sup>. É bem conhecido que nesses livros Sexto frequentemente invoca um ou mais dos Cinco Modos, enquanto referências suas aos Dez Modos são poucas e dispersas. Mas penso que podemos ser um pouco mais precisos sobre onde os modos são particularmente úteis a ele e qual uso ele faz deles.

1. Como outros capítulos desse volume explicam, Sexto descreve o ceticismo como um “habilidade” (*dunamis*, *PH* 1.8) – mais especificamente, uma habilidade de produzir a suspensão do juízo (*epochê*), e, conseqüentemente, a tranquilidade (*ataraxia*). A maneira como isso funciona é por meio da reunião de argumentos e impressões sobre qualquer tópico dado que estejam em oposição um ao outro; diante da “força igual” (*isostheneia*) das considerações de cada lado, suspende-se o juízo sobre o tópico em questão – não há maneira de escolher entre os pontos de vista opostos. Em outra parte, eu também expressei uma preferência pela leitura disso de acordo com a qual a suspensão do juízo é um efeito psicológico ao invés de uma conclusão racional<sup>8</sup>. O ceticismo não argumenta a favor da conclusão de que *devemos*

<sup>4</sup> Mesmo quando o tópico é causalidade. Em sua discussão sobre causalidade em *Contra os Físicos*, Sexto apela a argumentos de Enesidemo sobre esse tópico; mas esses envolvem “impasses concernentes ao vir a ser” (*peri tês genesis aporiais*, *M* 9.218) – ou seja, grosso modo, problemas em explicar como algo pode trazer à tona um efeito que já não estivesse presente na existência – e não há conexão aparente com os pontos mencionados no ensaio de Sexto dos Oito Modos.

<sup>5</sup> Eu abordei um pouco sobre os Oito Modos no capítulo 4 desse volume, seção III. Ver também Woodruff 2010, seção VII.

<sup>6</sup> Dois trabalhos de referência são Annas e Barnes 1985 e Barnes 1990. Estudos recentes importantes incluem Powers 2010; Woodruff 2010; Morison 2011 (especialmente a seção 7); Morison 2014 (especialmente a seção 3.5); Brennan e Lee 2014; Bullock 2016; e Brennan e Roberts 2018 (especialmente seção 5).

<sup>7</sup> Estritamente falando, nas passagens citadas Sexto confina a parte “específica” ao exame de teorias nas três principais divisões da filosofia: lógica, física e ética. Mas isso é porque ele está dando uma preliminar dos *Esboços Pirrônicos*, onde isto é de fato a pauta. Entretanto, os escritos de Sexto também incluem *Contra os Professores* (*M* 1-6), em que examina de maneira cética teorias em diversas disciplinas não-filosóficas e isso também pode ser contato como o lado “específico” do ceticismo.

<sup>8</sup> Eu toco essa questão nos capítulos 8 e 11, mas o tratamento completo está no capítulo 12, seção 2.

suspender o juízo, dados os méritos dos argumentos; mas sim, suscita um *efeito* – suspensão do juízo – como resultado da atratividade (ou não atratividade) igual das várias posições que são oferecidas. Se se tratasse de um argumento que leva à conclusão de que se deve suspender o juízo, isso convidaria a questão “por quê?”; mas é difícil ver como respondê-la sem apelar para normas de racionalidade – normas que Sexto, que afirma suspender o juízo sobre ao menos todos os assuntos teóricos (*PH* 1.13), e que inclui dedução, indução e demonstração entre os alvos de seu procedimento cético (*PH* 2.134–204), não se comprometeria.

Como os modos se encaixam neste quadro? Começarei com os Dez Modos. De acordo com que Ben Morison chama de “interpretação ortodoxa”, os Dez Modos fazem exatamente o que acabo de dizer que o cético não tem o direito de fazer. Eles começam expondo um grande número de oposições entre as aparências. Estas oposições podem ser devido a diferenças nos que percebem – diferenças entre animais (modo 1), diferenças entre humanos (modo 2), diferenças nos sentidos de uma mesma pessoa (modo 3) ou diferenças nas condições (tais como saúde ou doença, juventude ou velhice) em que os que percebem abordam o objeto (modo 4) – ou a diferenças nas coisas percebidas – quantidades diferentes (modo 7) ou diferentes costumes culturais (modo 10) – ou a diferenças em ambos – diferentes posições de observação (modo 5), diferentes misturas (nos objetos percebidos e nos corpos dos que percebem) (modo 6), ou diferentes frequências em que algo ocorre (na experiência de quem percebe) (modo 9)<sup>9</sup>. O próximo passo, de acordo com a interpretação ortodoxa, é dizer que, entre qualquer conjunto dado dessas aparências opostas, não podemos preferir qualquer um a outro. E isso, então, leva à conclusão de que devemos suspender o juízo sobre como os objetos, de que são as aparências, realmente são<sup>10</sup>. Em outras palavras, os Dez Modos são argumentos para o efeito de que devemos suspender o juízo. Mas o problema com a interpretação ortodoxa é que ela não parece ser consistente com a descrição de Sexto do ceticismo enquanto uma “habilidade”<sup>11</sup>, que, ao menos na leitura a pouco sugerida, faz da suspensão do juízo um efeito simplesmente produzido, ao invés de objeto da conclusão modal de um argumento. Também não é consistente com sua clara ênfase no fato de que o cético suspende o juízo sobre todos os tópicos teóricos; dizer que *deve-se* suspender o juízo, pois não se pode escolher entre as aparências, é na verdade fazer um juízo, uma vez que endossa certas normas relativas ao raciocínio correto.

Como, então, pode-se interpretar os Dez Modos de modo que eles não caiam em conflito com a atitude cética do próprio Sexto? Morison entende os Dez Modos nos oferecendo apenas o ponto de partida para construir argumentos opostos. Eles nos apresentam aparências opostas e isso nos dá indicação sobre como pode-se gerar argumentos opostos que dizem respeito a como as coisas em questão são de fato. Por exemplo, se alguém diz que o mel é doce, porque é assim seu sabor, pode-se argumentar com igual persuasão que o mel não é doce, e os Dez Modos nos dão sugestões sobre como esse argumento e muitos outros como este podem ser

<sup>9</sup> Sigo a classificação própria de Sexto destas diferenças (*PH* 1.38), que podem estar abertas a questionamento em alguns casos. Omiti o oitavo modo, o modo da relatividade, que Sexto classifica como tendo a ver com ambos quem percebe e objeto; há um número de obscuridades sobre seu papel nos Dez Modos. Sobre esse assunto, a discussão em Annas e Barnes 1985, capítulo II, ainda é a melhor que tenho conhecimento. Uma das complicações é que o modo que envolve relatividade aparece em ambos os Dez Modos e os Cinco Modos, e Sexto parece os conectar (*PH* 1.167). Brennan e Lee 2014 e Bullock 2016 oferecem ambos relatos intrigantes dos Cinco Modos que distingue o modo da relatividade nos Cinco Modos daquele nos Dez Modos; retornarei a isso na próxima seção.

<sup>10</sup> Morison esboça essa interpretação a partir de Annas e Barnes 1985, Hankinson 1995 e Striker 1983 (Morison 2011, 287-9). Não é inteiramente claro que todos eles se encaixam de todo no modelo que ele delineia. Mas, se não, ao menos eles deixam espaço para a possibilidade de serem lidos dessa maneira; e, em todo caso, este é um modelo útil para se ter à mesa, para seu propósito e para o meu.

<sup>11</sup> Como Morison 2011 enfatiza. Esse lado da sua interpretação me parece ser absolutamente correta.

desenvolvidos<sup>12</sup>. E esses argumentos opostos podem então serem empregados de uma maneira bastante consistente com a figura do ceticismo enquanto habilidade. Michael Williams oferece outra leitura: os Dez Modos<sup>13</sup> argumentam a favor de conclusões que impedem nosso alcance da verdade em todo tipo de tópicos, mas estas devem ser entendidas enquanto um lado de um par de argumentos opostos, o outro lado sendo os argumentos positivos dos filósofos não-céticos em favor de um critério de verdade confiável, de como o conhecimento pode ser obtido e assim por diante. Em outras palavras, como Williams o coloca, os modos são apenas uma instância do método normal de Sexto, conforme aplicado em epistemologia<sup>14</sup>.

Estes são ambos modos filosoficamente engenhosos de resgatar Sexto da inconsistência. Infelizmente, eles não parecem se adequar ao texto. Contrário a Williams, Sexto é bastante claro que se chega à suspensão do juízo da repetição das considerações internas a cada modo por si mesmo, não justapondo esses modos com as epistemologias positivas dos filósofos dogmáticos. Cada um dos Dez Modos incluem uma menção (e frequentemente mais de uma) no sentido que se chega a suspensão do juízo diretamente da oposição das aparências como descrito; nenhum deles diz nada como “Agora vamos colocá-los contra os argumentos dos dogmáticos do outro lado, e *então* alcançaremos a suspensão do juízo”. Tais menções esclarecedoras, no contexto de trechos de argumentos negativos, não são incomuns em Sexto<sup>15</sup>, mas elas não figuram em nenhum momento de sua descrição dos Dez Modos. E, contrário a Morison, a redação de muitos desses comentários finais encaixam muito bem com a interpretação ortodoxa, mas não fornece indicação para sua própria interpretação, mais complicada. A seguir algumas das mais significantes passagens que contém essa questão.

Se as aparências se mostram diferentes dada a variedade dos animais e é impossível decidir entre elas, é necessário suspender o juízo sobre as coisas subjacentes externas. (Modo 1, *PH* 1.61)

Se os animais não racionais são não menos confiáveis que nós para julgar as aparências e ocorre de as aparências diferentes corresponderem à variedade dos animais, serei capaz de dizer como cada uma das coisas subjacentes aparecem a mim, entretanto quanto a como elas são por natureza, dado o que foi dito anteriormente, serei compelido a suspender o juízo. (Modo 1, *PH* 1.78)

Se as mesmas coisas apresentam efeitos diferentes devido as diferenças entre humanos, a suspensão do juízo seria provavelmente introduzida nesse sentido também; talvez possamos dizer como cada uma das coisas subjacentes aparecem, com respeito a cada diferença, mas não somos capazes de declarar o que elas são em sua natureza... é necessário, então, que a suspensão do juízo seja introduzida por causa da diferença entre humanos. (Modo 2, *PH* 1.87-9)

Vemos, então, que nos termos desse modo também [a saber, aquele que concerne às misturas], não havendo meios de dizer nada sobre a natureza das coisas subjacentes externas, somos compelidos a suspender o juízo. (Modo 6, *PH* 1.128)

<sup>12</sup> O exemplo é de Morison (2011, 290-1), que usa um exemplo no quarto dos Dez Modos (*PH* 1.101).

<sup>13</sup> E, na visão de Williams, também os Cinco Modos, mas eu os deixo de lado por agora.

<sup>14</sup> Williams 2010, especialmente 299-300; também Williams 1988, 578-9.

<sup>15</sup> *M* 7.443, 8.159-61, 298, 476-7, 9.137, 191, 10.168, *PH* 2.79, 130, 192, 3.29, 81, 135.

Como cada uma das coisas subjacentes é em termos de sua própria natureza e essencialmente, não seremos capazes de dizer, no entanto, como elas aparecem em relação a algo, seremos. Disso se segue que temos que suspender o juízo sobre a natureza dos objetos. (Modo 8, *PH* 1.140)

Uma vez que grande falta de uniformidade entre os objetos é mostrado também através desse modo, nós não seremos capazes de dizer como as coisas subjacentes são em termos de sua natureza, embora como elas aparecem em relação a este modo de vida, ou em relação a esta lei, ou em relação a estes costumes, e todo o resto, seremos. Por essa razão é necessário a nós suspender o juízo sobre a natureza dos objetos subjacentes externos. (Modo 10, *PH* 1.163)

Em todos estes casos, há dizeres sobre como não podemos dizer como as coisas realmente são, em oposição a como elas aparecem, por causa das diferenças nas aparências que o modo em questão lida. Em todos esses casos, nos é dito que, dado as diferenças, a suspensão do juízo é algo compulsório e necessário. Agora, talvez seja possível ler isso como dizendo que a igual persuasão das aparências opostas *resultam* na suspensão do juízo e que não se pode esperar nada mais; e isso seria consistente com a noção de ceticismo enquanto uma habilidade de produzir a suspensão do juízo enquanto um efeito psicológico. Certamente, a primeira parte por si mesma – que não podemos escolher entre as aparências – pareceria permitir essa leitura. Mas os ditos sobre compulsoriedade ou sobre uma necessidade imposta sobre nós, *por causa da* nossa falha em estabelecer qualquer resposta definitiva, é lida muito mais naturalmente se referindo ao reconhecimento que a suspensão do juízo é a resposta racional requerida ao argumento que os modos incorporam. Dessa maneira, a interpretação ortodoxa parece ter bastante coisa a seu favor; ela pode não ser compulsória (se eu puder emprestar a linguagem de Sexto para meus próprios propósitos), mas ela certamente parece a leitura mais fácil do texto. Além disso, para retornar uma vez mais ao modelo de Morison, a sugestão clara de todas essas passagens é, repetindo, que se chegue a esta suspensão do juízo diretamente da contemplação das aparências opostas e da inabilidade de escolher entre elas; nem aqui, nem em outra parte Sexto fala dessas aparências enquanto premissas em argumentos opostos<sup>16</sup>.

Parece, então, como se os Dez Modos fossem de fato inconsistentes com a abordagem de Sexto em outra parte: eles são argumentos para conclusões (“devemos suspender o juízo sobre X”) de tipo que Sexto não gostaria de endossar em geral<sup>17</sup>. Certamente se pode imaginar os Dez Modos sendo usados na maneira

---

<sup>16</sup> Morison 2011, 291, cita uma passagem do mesmo tipo em geral (1.59) e cita a primeira das passagens acima (1.61). Ele aponta que comentários desse tipo deu encorajamento aos apoiadores da interpretação ortodoxa. Ele diz, então: “Mas a explicação do porquê iremos ou deveríamos suspender o juízo aplicando os modos precisa ser agudamente distinguida da aplicação dos modos em si, que é apenas um dispositivo para gerar oposição – um dispositivo para gerar a premissa do argumentopositor”. Entretanto, na falta de alguma indicação textual de que é isso que os Dez Modos são (e Morison não oferece nenhuma), a resposta a isso parece-me ser simplesmente “não, não é [um dispositivo para gerar premissas]”; o que Sexto diz em passagens como as que citei admite uma leitura clara e fácil de como os modos devem funcionar, o que dá suporte a interpretação ortodoxa. Morison pode responder que a apoio textual para sua leitura consiste no fato que ela se encaixa na maneira como Sexto opera em outras partes, assim como ele o interpreta no mesmo artigo. Mas uma vez que a questão aqui é precisamente se os Dez Modos são consistentes com o procedimento de Sexto em outra parte [que não *PH* 1], isso pode não ser suficiente, apesar da força da análise [de Morison] desse procedimento. Acredito que nosso desacordo possa se resumir a um desacordo metodológico: até onde pode-se ir para resgatar a consistência de um autor? Ao menos no de Sexto, penso que pressupor inconsistência é com frequência um preço pequeno a pagar por fidelidade textual. (Mas Morison sem dúvida questionaria esse modo de colocar as coisas).

<sup>17</sup> Annas e Barnes 1994 usam a estranha expressão “conclude to suspension of judgement” em sua tradução dos Dez Modos (*PH* 1.35, 99). Suspeito que a invenção de “conclude to”, não usado por nenhum falante

como Morison e Williams sugerem. Mas a exposição de Sexto dos Dez Modos não dá nenhuma indicação de que esses são seus objetivos, mas dá indicações consistentes e claras de que eles são destinados a fazer algo diferente – a saber, levar a suspensão do juízo diretamente da justaposição das aparências opostas. Além disso, ele repetidamente parece apontar que a *maneira* na qual eles deveriam fazer isso é através de forçar a suspensão do juízo enquanto uma necessidade racional, que é incompatível com sua descrição do ceticismo enquanto uma habilidade aplicada a todos os assunto. Há exceções a isso; às vezes ele diz que, diante dos Dez Modos, “acabamos por” (*katalêgomen eis*) suspender o juízo (PH 1.100, 163), e isso pode facilmente ser entendido enquanto descrevendo um resultado simples da habilidade cética, não envolvendo apoio de conclusões ou normas de racionalidade. De fato, o mesmo termo foi usado na abertura de sua descrição da própria habilidade cética: ele diz que “o princípio da determinação [set-up] cética é, acima de tudo, que todo argumento tem um argumento igual em oposição a ele<sup>18</sup>; pois disso parecemos por terminar (*katalêgein eis*) em não sustentar doutrinas” (PH 1.12). Mas, muito mais frequentemente, como tenho ilustrado, Sexto aponta a um entendimento dos Dez Modos que os selam com comprometimentos intelectuais que se esperaria que ele recusasse.

Não penso haver algo problemático sobre isso. Os Dez Modos, como dissemos, derivam de Enesidemo, que pertencia a uma fase muito diferente da história do pirronismo e é muito possível que eles tenham sido criados para lidar com preocupações muito diferentes daquelas que animaram o próprio Sexto. Um ponto que é aparente na maioria das passagens citadas acima, e em muitas outras no curso dos Dez Modos, é um contraste entre como as coisas são *por natureza* – também caracterizadas enquanto como elas são “puramente” (*eilikrinôs*, PH 1.140) – e como elas aparecem em certas circunstâncias ou em relação a certas outras coisas. A ideia parece ser que a natureza de uma coisa seria a maneira como a coisa é, independentemente de qualquer circunstância particular – a maneira que ela é *invariavelmente*, como se poderia colocar; e uma vez que apenas percebemos as coisas em certas circunstâncias ou relações, nunca poderemos alcançar um tipo de visão “pura” delas. Esse contraste entre como as coisas são por natureza e como elas são relativamente falando também aparece diversas vezes na versão de Diógenes Laércio dos Dez Modos (9.85, 86, 87), e Diógenes não tem hesitação em afirmar como conclusão desses modos que sua natureza não pode ser conhecida. Em conexão com isso, também chama a atenção que Sexto fala da relatividade como a descrição mais geral dos Dez Modos (PH 1.39), embora o modo da relatividade seja também um dos modos individuais (o oitavo em Sexto, embora Diógenes o coloque em último, que, mais uma vez, o dá um significado especial)<sup>19</sup>.

Esta concepção da natureza das coisas e esta ênfase sobre a relatividade não são características da abordagem usual de Sexto. Isso não surpreende uma vez que falar sobre de que modo algo é por natureza parece, pelo seus padrões usuais, como um exercício em metafísica dogmática. Como tem sido frequentemente percebido,

---

normal de inglês, é uma maneira de separar a diferença entre a conclusão racionalmente obrigatória e um efeito psicológico. A palavra grega *sunagô* permite essa ambiguidade; ela pode significar “concluir”, em um sentido lógico, mas também, em sentido mais amplo, “ocasionar algo”. O uso de Annas e Barnes parece ter seguido alguns outros intelectuais: “conclude to” também aparece em Sedley 2015, 174, e Morison 2011, 289. (Sobre “conclude to” a querela online seguinte (acessado em 14 de junho de 2018) é instrutivo: <http://www.englishforums.com/English/ConcludeTo/vkdxn/post.htm>).

<sup>18</sup> Não “a reivindicação que a todo relato um relato igual está oposto” (“the claim that to every account an equal account is opposed”), como Annas e Barnes traduzem. Não há nada em Grego correspondente a “relato” (*claim*), o que rapidamente sugere apoio a algum tipo de tese. Sexto está na tarefa de produzir um estado de coisas – que argumentos iguais estão em oposição um ao outro –, não fazer reivindicações. Sobre isso, ver Williams 2010, 295, e eu agradeço a Michael Williams pela discussão sobre esse ponto.

<sup>19</sup> Sobre isso, ver novamente os trabalhos citados na nota 9.

ele normalmente é muito mais interessado em gerar um estado de *indecidibilidade*, onde oposições opostas são vistas como igualmente vigorosas. E é impressionante que Sexto frequentemente introduza consideração dos Cinco Modos, em que indecidibilidade é central, em sua apresentação dos Dez Modos. Isso pode fazer sua versão dos Dez Modos mais conforme seus próprios procedimentos usuais, mas não pode ter sido como os Dez Modos se pareciam originalmente, uma vez que os Cinco Modos são de um período mais recente e a versão de Diógenes dos Dez Modos não contém estas intrusões. Entretanto, o uso periódico de Sexto dos Cinco Modos dentro dos Dez Modos não faz o foco sobre a relatividade e as naturezas desaparecerem. Por essa razão, suspeito que sua atitude com os Dez Modos pode, no final das contas, não ser tão diferente de sua atitude com os Oito Modos da explicação causal: eles são uma relíquia de um período anterior com que ele não está de fato confortável. Uma fonte de seu desconforto pode ter sido essa concepção aparentemente dogmática da natureza das coisas; outra, pode ter sido a questão que me concentrei anteriormente – o fato que eles [os Dez Modos] parecem argumentos com conclusões a serem endossadas, ao invés de exercícios da habilidade cética. Não temos nenhuma indicação que Enesidemo falou do ceticismo como uma habilidade. Mas no tempo de Sexto, o pirronismo pode ter seguido em frente – tornado-se mais sofisticado, se preferir.

Jonathan Barnes descreveu os Dez Modos como “pueril”<sup>20</sup>. Mas isso pode depender sobre o que eles foram de fato designados a fazer. Nas mãos de Enesidemo, um grande número de observações sobre as maneiras conflitantes que as coisas aparecem em circunstâncias diferentes (onde “circunstâncias” cobre todas as diferenças nos que percebem e nas coisas percebidas que apontamos anteriormente) – todos contribuindo para a ideia de que nunca há nenhum vislumbre sobre como as coisas são que não seja mediado por características particulares de quem vê, do objeto ou ambos – parecem terem contribuído muito bem para seu propósito de mostrar que estamos impedidos de qualquer apreensão da verdadeira natureza das coisas, em seu entendimento do que isso significa. Ilustrei em maiores detalhes como isso pode ter funcionado, com referência a um dos Dez Modos (modo 5, sobre lugares e posições), em outro capítulo desse volume<sup>21</sup>.

Mas o assunto dos Dez Modos não é tão conveniente aos objetivos usuais do próprio Sexto. Sexto certamente compartilha a visão de que as aparências são tudo o que podemos confiar e isto é crucial à sua descrição sobre como o cético pode agir (*PH* 1.21-4). Mas aparências específicas do dia-a-dia, do tipo que está no coração dos Dez Modos, não desempenham papel significativo na abordagem normal de Sexto em seu material. Isto por que, seu principal interesse, fora do livro I de *Esboços Pirrônicos*, está nos princípios gerais dos assuntos que aborda e nas teorias dos filósofos não céticos sobre esses princípios e como eles podem ser (ou falham em ser) estabelecidos. Diversas vezes, em todos os três dos seus trabalhos que sobreviveram, ele expressa preferência por argumentar no nível mais geral possível (*PH* 2.84, 3.1, *M* 9.1-2, *M* 1.39-40). Por “princípios” (*archai*) ele pode querer dizer tanto as afirmações fundacionais ou as entidades básicas de certa área de pesquisa; mas seu foco nas questões gerais ao invés das particulares é consistente por todo seus escritos<sup>22</sup>. Desse modo, os tópicos que ele lida são tais como (para tomar alguns casos de cada uma das três partes da filosofia) a existência ou natureza do critério de verdade, sinais, demonstrações, deus, movimento, espaço, tempo ou bem e mal. Isso não o impede de ir nos detalhes de alguns tópicos. Mas os detalhes geralmente tomam a forma de exegese das teorias dogmáticas – por exemplo, a visão estoica sobre os “dizíveis” (*lekta*) (*M* 8.70-4), ou a visão de Filo e Diodoro sobre condicionais

<sup>20</sup> Annas e Barnes 1994/200, na introdução para a segunda edição, xviii.

<sup>21</sup> Ver cap. 5.

<sup>22</sup> Eu disse um pouco mais sobre isso na introdução à Bett 2018b, 21-2.

(*M* 8.113-18), ou as ideias pitagóricas sobre o número e seu significado (*M* 10.249-84), ou os elementos fundamentais da gramática (*M* 1.99-120), ou os elementos da astrologia (*M* 5.4-42). E isso está sempre a serviço de minar essas teorias e, portanto, colocar em questão a própria existência da alegada ciência que elas pertencem ou dos alegados entes com os quais elas lidam. E, para esse propósito, observações sobre os diferentes modos como as coisas parecem às pessoas em diferentes circunstâncias, ou de diferentes posições, ou dependendo da quantidades que elas são apresentadas – tomando apenas alguns exemplos dos Dez Modos (4, 5 e 7 respectivamente) – não parecem ser de muito interesse.

Penso que isto possa estar no coração do porquê Sexto raramente apela aos Dez Modos fora do primeiro livro dos *Esboços*. Não é que eles apenas assumam a forma de argumentos para conclusões, ou que eles apelem a uma concepção aparentemente dogmática sobre a natureza de algo. Essas características podem talvez ser eliminadas e, como vimos, Sexto parece fazer ao menos algum esforço para eliminá-las, embora esse trabalho não seja de maneira alguma completo. Mas mesmo à parte desses fatores, os Dez Modos apenas não são particularmente relevante ao que ele está tentando fazer. Ele às vezes tem razão para discutir à falta de confiabilidade dos sentidos e, em tais casos, pode ser útil mencionar os Dez Modos como suporte, como ele faz algumas vezes (*PH* 2.55-6, 3.50, *M* 7.345). Em um momento, ele introduz a ideia de que não se deveria olhar a opinião da maioria enquanto guia da verdade e alude a uma discussão do mesmo ponto no curso do segundo modo (*PH* 2.45, referindo-se a 1.89). E, em outro momento, ele aponta para o quarto modo, sobre diferenças nas circunstâncias, para advertir sobre tentar definir o que um ser humano é ostensivamente, através de apontar para os seres humanos individuais (*PH* 2.25). Estas são as *únicas* referências explícitas aos Dez Modos que achei no resto de seu trabalho.

Além do mais, há uma reutilização ampla do tipo de material do décimo modo, sobre práticas éticas e religiosas e crenças, na seção de *Esboços Pirrônicos* dedicada à ética (*PH* 3.198-234), embora aqui Sexto não faça referência aos Dez Modos. O décimo modo pode ser mais útil a ele do que os demais. Diferente dos outros nove, ele não tem a ver com percepções sensoriais diferentes<sup>23</sup>, mas com atitudes diferentes em assuntos éticos e religiosos; e, por razões que não precisamos entrar aqui, ele considera fo desacordo ético entre as pessoas comuns um importante ímpeto para suspender o juízo sobre se alguma coisa é realmente boa ou má – que é a questão central que ele aborda na porção ética de seu trabalho (*PH* 3.168-238, *M* 11.1-167). Não há equivalente a isso na lógica ou física, ou nas disciplinas não filosóficas que ele examina em *Contra os Professores*; diferenciar as aparências perceptivas, assunto dos outros nove modos, não vão simplesmente ao ponto da mesma maneira central, e, portanto, os Dez Modos não servem ao seu propósito exceto das maneiras acidentais que acabo de apontar<sup>24</sup>.

2. Os Cinco Modos são muito mais gerais, e isso faz deles muito mais conveniente ao propósito de Sexto, pelas razões já sugeridas. Eles também são conectados

---

<sup>23</sup> Como notado por Morison 2011, n. 24.

<sup>24</sup> Há uma menção de passagem, ao fim da discussão sobre deus de *Contra os Físicos*, do desacordo sobre os deuses na vida cotidiana, enquanto um suplemento a uma longa série de argumentos contra a existência dos deuses (*M* 9.192). De maneira interessante, esta também está mais próxima ao décimo modo que os outros nove (embora, mais uma vez, não haja menção aos Dez Modos); ainda que o tópico de deus pertença para os filósofos à física, na vida cotidiana a religião claramente tem uma conexão com a ética. Mas este é claramente um caso especial. Deus, como a ética, é um assunto no qual as pessoas comuns têm visões, refletidas ou não, e estas podem diferir; este não é o caso com nenhum outro tópico em lógica, física ou as disciplinas especiais.



sistematicamente de um jeito que os Dez Modos não são<sup>25</sup>. Os Cinco Modos são (1) disputa sem resolução, (2) regressão infinita, (3) relatividade, (4) hipótese e (5) o modo da circularidade. O primeiro desses resume o tipo de conclusão que Sexto está sempre buscando: temos um conjunto de visões conflitantes sobre algum assunto e nenhuma maneira de escolher entre elas<sup>26</sup>, então somos levados à suspensão do juízo. E os outros quatro resumem maneiras que pode-se tentar escapar a essa condição, e os desafios que se encara em cada um. O terceiro modo, da relatividade, foi frequentemente pensado não pertencer aqui, ou a pertencer de uma maneira desajeitada junto ao modo inicial da disputa. Mas ambos Sexto (*PH* 1.165-9) e Diógenes (9.88-9) reuniram os Cinco Modos na mesma ordem, com a relatividade entre regressão infinita e hipótese, e isso não pode ser uma coincidência<sup>27</sup>; esta deve ser a ordem pirrônica canônica. Alguns artigos recentes ofereceram novos *insights* importantes sobre esse assunto, e eu os sigo<sup>28</sup>. O desdobramento das várias possibilidades, em linhas gerais, é como se segue.

Suponha que alguém apresente uma afirmação que se proponha a estabelecer a verdade de uma das visões conflitantes sobre outras. Então a pergunta pode se levantar, qual é a base para sua afirmação? E se alguma afirmação adicional é dada em resposta a essa pergunta, a mesma pergunta pode ser levantada sobre a afirmação adicional; e isso, em princípio pode seguir para sempre – portanto regressão infinita. Mas agora, em certo momento, o interlocutor pode se recusar a se manter tentando justificar afirmações baseado em outras afirmações, e pode insistir que algumas afirmações não necessitam de apoio para além de si mesmas. Isso pode ser porque algumas afirmações são se auto-sustentam – estabelecem sua própria veracidade – ou pode ser que algumas afirmações simplesmente não necessitam de apoio – sua veracidade é de algum modo dada. Contra a primeira possibilidade, o cético lança o modo da relatividade, que argumenta que nenhuma afirmação pode apoiar a si própria; a justificação é sempre por meio de algo outro que a afirmação sendo justificada, e assim é sempre *relativa a alguma outra coisa*<sup>29</sup>.

<sup>25</sup> Os primeiros quatro dos Dez Modos formam uma sequência que gradualmente se estreita, como Sexto deixa claro (*PH* 1.79, 91, 100). Além disso (e à parte da função generalizante do modo da relatividade mencionado anteriormente), enquanto possa haver motivos para ordená-los de uma maneira particular, cada um mantém-se independentemente dos demais. Sobre ordens diferentes em Sexto, Diógenes e nossas outras fontes de informação, ver Annas e Barnes 1985, 29, e Sedley 2015, 179. A principal diferença é que Annas e Barnes iniciam por Sexto, Sedley por Diógenes; mas há também alguns pontos em que eles discordam, e eu consideraria a versão de Sedley como melhorada.

<sup>26</sup> A palavra *anepikeritos*, usada aqui e frequentemente em outras partes em Sexto, pode ser traduzida por “indecidibilidade” [“undecidable”] ou “indecidido” [“undecided”]. O primeiro pode sugerir compromissos intelectuais indesejados similares aqueles que discuti na seção anterior, enquanto que o último pode parecer muito fraco para os propósitos de Sexto. A proposta de Powers (2010), seção III, que uma disputa *anepikeritos* é uma [disputa] *sem arbitro* (*epikeritês*), porque todos são parte da disputa, é um meio termo atraativo.

<sup>27</sup> Nem isso se deve a Diógenes, menos antigo dos dois, copiar Sexto; a linguagem e formulação das duas versões são suficientemente diferentes de maneira que Diógenes deve estar utilizando alguma outra fonte.

<sup>28</sup> Brennan e Lee 2014 e Bullock 2016. Os dois difere, em alguns detalhes, mas eles têm acordo geral sobre a função do modo da relatividade, ao menos em como os Cinco Modos foram originalmente projetados. (Brennan e Lee 2014, mas não Bullock, pensam que Sexto entende isso mal, voltarei a esse ponto abaixo.)

<sup>29</sup> Ambos Brennan e Lee 2014 e Bullock 2016 para fazer essa leitura confiam na síntese de Diógenes Laércio desse modo: “O modo da relatividade diz que nada é apreendido por si mesmo, mas com alguma outra coisa – daí que eles são desconhecidos” (9.89). Nesse entendimento, “em relação a algo” (*pros ti*) é usado como equivalente de “com alguma outra coisa” (*meth’ heterou*), que é bastante inteligível, mas de alguma maneira diferente da maneira que a relatividade é invocada nos Dez Modos. Por essa razão, penso que Brennan e Lee 2014 estão certos que, se Sexto está se referindo ao modo da relatividade nos Dez Modos quando ele descreve o modo da relatividade nos Cinco Modos, como se eles fossem o mesmo, ele comete um erro. E certamente parece como se fosse isso que ele estivesse fazendo com o seu “como vimos anteriormente” (*PH* 1.167. Além disso, sua referência à necessidade de suspensão do juízo sobre a natureza de algo e a observação que o acompanha de que as aparências são sempre relativas ao sujeito que percebe, ou às circunstância da percepção (*PH* 1.167), repetem considerações que vimos nos Dez

E, contra a segunda possibilidade, vem o modo da hipótese, que argumenta que se alguém apresenta uma afirmação sem apoio, isso é apenas pedir arbitrariamente por algo; se uma pessoa levanta a hipótese P desse modo, outra pessoa pode da mesma maneira levantar a hipótese não-P. Finalmente, suponha-se que o interlocutor aceite que a afirmação original não necessite de apoio, mas argumente que, ao invés disso levar à regressão infinita, duas afirmações podem se apoiar mutuamente<sup>30</sup>. Contra essa tentativa o cético introduz o modo da circularidade, que argumenta que isso equivale a dizer “P porque Q, e Q porque P”, o que é inútil. A essa altura, então, todos os modos foram utilizados e o interlocutor não tem mais opções; todos os possíveis movimentos para estabelecer algo foram bloqueados.

Assim, pelo menos, é o que presumirá o defensor dos Cinco Modos. É claro, um fundacionista epistemológico discordaria e desafiaria a recusa da afirmação fundacional encapsulada nos modos da relatividade e hipótese. Mas é difícil negar que os Cinco Modos tomados em conjunto constituem um desafio formidável a qualquer projeto justificatório positivo. Agora, como Sexto os entendia? Uma questão é se ele os entendia enquanto argumentos independentes, ou se eles são entendidos em si mesmos enquanto um par de argumentos opostos, com o argumento dos dogmáticos do outro lado. E aqui, diferentemente do caso dos Dez Modos, a resposta é claramente a última. Os Cinco Modos são explicitamente dispostos como uma resposta à alguma peça de teorização dogmática; o dogmático apresenta certo pontos de vista e, então, os Cinco Modos os colocam em questão. Há, então, um caráter oposicional inerente aos Cinco Modos; eles são projetados como um contrapeso à atividade argumentativa que está em andamento<sup>31</sup>.

Outra questão que nos ocupamos por um tempo com os Dez Modos, agora aplicada aos Cinco Modos: se Sexto quer fazer da suspensão do juízo uma necessidade racional, com o problema da consistência que isso trás junto, ou se ele os entende simplesmente gerando a suspensão do juízo como um resultado. Os Cinco Modos na apresentação inicial de Sexto dá a impressão inicial, como os Dez Modos, de ser uma séria de argumentos conectados para uma conclusão definida, e nesse caso, uma conclusão muito mais compreensiva junto com as linha seguintes: estabelecer que a verdade de qualquer teoria é impossível, e a suspensão do juízo é a única posição justificável. E, diversas vezes no curso do capítulo que introduz os Cinco Modos, ele usa a mesma linguagem da necessidade ou compulsoriedade que, como vimos no caso dos Dez Modos, parece reforçar essa conclusão (*PH* 1.170, 175, 177). Mas esta linguagem não é tão proeminente como na exposição dos Dez Modos, e é surpreendente que em sua apresentação inicial dos Cinco Modos – aquela que segue o que chamei de ordem canônica – Sexto fala consistentemente da suspensão do juízo no simples indicativo, enquanto algo que “fazemos”. No que diz respeito ao primeiro dos Cinco Modos, ele usa uma expressão que eu já chamei atenção na seção anterior, dizendo que “terminamos na” [“we end up at”] (*katalêgomen eis*, *PH* 1.165) suspensão do juízo. Para os demais modos a linguagem é “a suspensão do juízo se segue” (*tên epochên akolouthein*, 1.166 – modo 2) e

---

Modos, mas que parecem bastante irrelevantes no contexto dos Cinco Modos (daí a indiferença da maioria dos intelectuais sobre a relatividade nos Cinco Modos).

<sup>30</sup> Sigo Bullock 2016, 425-7, nisso. O modo da circularidade é frequentemente entendido como uma objeção a argumentos circulares em geral. Mas Bullock enfatiza que apenas duas afirmações são sempre mencionadas quando esse modo é invocado; o que ele está atacando é a ideia de que uma afirmação pode ser condição necessária e suficiente para outra – como de fato o nome, literalmente, “modo um-através-do-outro” [*through-one-another*] (*ho diallêlos* [ou *di'allêlôn*] *tropos*), sugere.

<sup>31</sup> Assim, o ponto de vista de Michael Williams de que os modos aplicam o método da oposição em epistemologia parece muito mais plausível no caso dos Cinco Modos que nos Dez Modos (cf. Nota 13 e o texto que a acompanha); os Dez Modos operam por si mesmos, enquanto os Cinco Modos operam em reação à teorização filosófica de alguém.

“suspendemos o juízo” (*epechomen*, 1.167, 169 – modo 3 e 5)<sup>32</sup>. E isso, como vimos, nos permite conceber a suspensão do juízo não enquanto uma necessidade racional, mas enquanto um resultado da habilidade do cético sem nenhum compromisso intelectual atrelado. Pesquisas recentes mostraram maneiras em que os Cinco Modos podem ser entendidos como desafiando ou minando o projeto dogmático de justificação, onde ênfase está em prevenir qualquer coisa de ser estabelecida, ao invés de estabelecer uma conclusão negativa<sup>33</sup>. Isso se encaixaria, assim, nos termos que os apresentamos inicialmente; o cético introduz argumentos como “terminamos em”, uma posição de não saber o que dizer. E há menos obstáculos a tal interpretação não dogmática (isso é, genuinamente cética) que havia no caso dos Dez Modos.

O único lugar em Sexto, fora o capítulo que introduz os Cinco Modos, onde todos os Cinco Modos são usados conjuntamente é a passagem mencionada perto do começo, onde ele aplica os Cinco Modos para questões da explicação causal, imediatamente depois de ter listado os Oito Modos de Enesidemo sobre esse assunto (*PH* 1.185-6). E aqui também ele fala dos modos como uma série de resultados, ao invés de uma série de argumentos que força o assentimento a uma conclusão. Regressão infinita e modo da circularidade são condições em que se cai (*ekpeseitai... eis*, *PH* 1.186), enquanto alguém que afirme algo por hipótese, dado o modo da hipótese, “terá seu juízo suspenso” (*epischesthêsetai*, 1.186 – esta é a forma passiva do verbo *epechô*, “suspensão do juízo”, corresponde ao substantivo *epochê*)<sup>34</sup>.

Os Cinco Modos, assim, parecem de alguma maneira mais facilmente receptivo ao método cético usual de Sexto. É surpreendente, entretanto, que ao mesmo tempo em que invocar formas de argumento de um ou mais dos Cinco Modos é, como mencionei no início, muito comum em Sexto, ele apenas use uma vez todos os Cinco Modos conjuntamente. Parece como se uma razão para isso fosse ele não entender realmente a função do modo da relatividade. Embora ele introduza os Cinco Modos na maneira que deve ter sido a ordem padrão, o capítulo sobre os Cinco Modos imediatamente segue ampliando sobre como eles podem ser usados em qualquer tópico (*PH* 1.169-77). Aqui ele passa duas vezes por toda a sequência dos Cinco Modos, uma vez aplicado aos objetos da percepção e uma vez aos objetos do pensamento. E aqui a ordem é alterada; nos dois casos nós agora temos disputa, regressão infinita, modo da circularidade, hipótese e relatividade. Em linhas gerais isto não tem grande importância; uma vez que o modo da disputa está em jogo, a ordem em que se introduz as várias formas possíveis de escapar dele, e porque elas falham, faz pouca diferença. A única exceção é que, em ambos os casos, o modo da relatividade está colocado no final, e isso é porque Sexto claramente não tem noção de como ele deve ser conectado com os outros quatro. Ele simplesmente diz que os objetos do pensamento são relativos a quem percebe ou pensa (*PH* 1.175, 177), o que não tem nada a ver com a série de passos traçados pelos outros quatro modos – e especialmente nada a ver com desafiar o projeto dogmático de justificação, que é o que os Cinco Modos estão centralmente preocupados em fazer. De fato, ele disse o mesmo sobre o modo da relatividade quando primeiro o mencionou (*PH* 1.167); seguindo outros estudos recentes, confiei na palavra de Diógenes Laércio sobre esse modo, e não na do próprio Sexto, quando eu explique seu papel na ordem padrão

<sup>32</sup> Não há nenhum comentário explícito sobre o resultado do quarto modo, hipótese (*PH* 1.168).

<sup>33</sup> Bullock 2016; Brennan e Roberts 2018, seção 5.

<sup>34</sup> Brennan e Lee 2014, 261, traduz “será forçado a suspender o juízo”. Eu fico tenso com essa expressão, porque (embora eu não tenha nenhuma razão para pensar que eles quiseram dizer isso) pode sugerir uma resposta a considerações racionalmente convincentes. Não há nenhuma linguagem de necessidade aqui no grego (*anagkê, dein*, etc.), como havia em numerosas passagens nos Dez Modos onde parecia como se era isso que se passava.

(incluindo a questão de sua posição junto ao modo da hipótese)<sup>35</sup>. Em dois outros lugares podemos encontrar Sexto usando os Cinco Modos conjuntamente (*PH* 2.19-20, 2.85)<sup>36</sup>. E, em ambos os lugares, não surpreende que o que falta é o modo da relatividade; Sexto claramente não sabe o que fazer com ele.

Aqui, então, está uma razão do porquê quase nunca se vê Sexto usando todos os Cinco Modos conjuntamente. Mas esta não é a única razão. Pois à parte das passagens que citei, até onde vejo, nunca o vemos usando sequer os quatro modos conjuntamente; em outras partes, vemos apenas um ou dois (ou em um único lugar, talvez três)<sup>37</sup>. Parece como se ele não estivesse particularmente interessado no potencial sistêmico dos Cinco Modos, embora, ao introduz-los, ele deixa muito claro que eles se encaixam juntos enquanto um sistema de argumento compreensível. Ele prefere escolher argumentos individuais desse sistema e fazer pontuações limitadas em estágios particulares de sua dialética.

Posso pensar em duas razões do porquê esta seja sua abordagem preferida. Pode-se lembrar do argumento que ofereci anteriormente: os Cinco Modos tomados como sistema pode dar a impressão de ser um argumento fatal de maneira que a justificação nunca possa ser iniciada e isso seria uma forma de dogmatismo negativo, não de ceticismo – como a posição que, nas primeiras frases dos *Esboços* (*PH* 1.1-3), ele acusa os acadêmicos de adotar. Como vimos, há meios de entender o propósito dos Cinco Modos que os manteriam, através da visão de Sexto, céticos. Mas o uso destes enquanto sistema pode ter tido um sentimento doutrinal desconfortável a ele, especialmente se trata-se de um uso repetido; e isso pode tê-lo encorajado a quase sempre usá-los parcialmente, não em conjunto, mesmo que tenha sido assim que eles foram projetados.

A segunda razão não é tanto o caráter possivelmente dogmático, mas o caráter *global* dos Cinco Modos. Como Sexto enfatiza (*PH* 1.169), eles podem ser utilizados sob qualquer tópico. Eles são integralmente gerais quanto ao seu escopo, então realmente não faz nenhuma diferença à qual assunto eles são aplicados em qualquer caso dado; em qualquer assunto, uma disputa é gerada e, então, os vários meios possíveis para estabelecer uma das posições em disputa são bloqueados. É esse caráter global que tem feito os Cinco Modos<sup>38</sup> um assunto de interesse para muitos

---

<sup>35</sup> Veja novamente a nota 29 e o texto que a acompanha. Devo muito do presente parágrafo a Brennan e Lee 2014. No entanto, as observações sobre o procedimento de Sexto no capítulo sobre os Cinco Modos foram contribuições próprias.

<sup>36</sup> Brennan e Lee 2014, 260, diz que “há apenas duas passagens que claramente empregam múltiplos modos em conjunto” – a dizer, a primeira das passagens acabo de citar, mais o capítulo sobre a explicação causal considerada no parágrafo anterior. Eu não disputaria isso necessariamente; *PH* 2.85 é menos claro. Mas há claras referências à disputa, ao modo da circularidade e à regressão infinita; e, embora a hipótese não seja mencionada por nome, penso que pode-se vê-la implicitamente em operação quando Sexto diz que “a pessoa que diz que algo é verdadeiro, se o diz sem demonstração, isso não será crível por causa da disputa”.

<sup>37</sup> Darei detalhes mais tarde. Brennan e Lee 2014, 260, duvidam que poderíamos ver de alguma maneira “argumentos de regressão infinita, ou alegações que assumem a conclusão [“question-begging”]” como aplicações dos Cinco Modos, uma vez que “argumentos dos dois tipos são muitos séculos anteriores a Agripa”. Eles, é claro, estão certos sobre o último ponto. É também verdade que usar um ou dois dos tipos de argumento que figuram nos Cinco Modos é bastante diferente de usá-los conjuntamente, que, como explicado anteriormente, foram feitos para desafiar qualquer possibilidade de justificação. De fato, suspeito que este seja uma razão para Sexto evitar esse último procedimento – mais sobre isso em breve. Entretanto, uma vez que Sexto introduz estas formas de argumento como um típico recurso cético quando ele introduz os Cinco Modos, é natural pensar neles, nas mãos de Sexto, enquanto o material dos Cinco Modos, ocorrendo ou não em grupo, e é difícil não pensar que Sexto teria esperado isso de seus leitores. Entretanto, há, admitidamente, alguma indeterminação quanto a quando ele invoca um ou mais dos Cinco Modos e quando não; retornarei a esse ponto também.

<sup>38</sup> Ou, estritamente falando, três dos cinco – regressão infinita, hipótese e o modo da circularidade (entendido enquanto circularidade [Bett chama o modo da circularidade “Reciprocal Mode”, “modo da reciprocidade”, mas tradicionalmente no Brasil usamos *circularidade*], cf. Nota 30) – que conjuntamente

epistemólogos contemporâneo; eles colocam um desafio a possibilidade de conhecimento em geral. Mas Sexto não procede dessa maneira. Embora sua tendência seja de concentrar-se nos princípios básicos de um assunto – que, como disse, faz dos estilos gerais de argumento em cada um dos Cinco Modos mais úteis a ele do que os exemplos altamente específicos que compõe os Dez Modos – ele também quer examinar cada assunto um por um, frequentemente em medida considerável. Ao invés de encerrar a discussão com um argumento único e abrangente, ele quer manter a conversação em curso, talvez indefinidamente. E essa é outra razão do porquê ele quase inteiramente evita usar os Cinco Modos enquanto sistema.

Jonathan Barnes encontra nisso razão para criticismo. “Os Cinco Modos”, ele diz, “se é que eles oferecem alguma coisa, oferecem tudo o que Sexto poderia possivelmente querer: os esforços locais que preenchem os livros II e III [dos *Esboços*—e, devemos acrescentar, todos os outros onze de seus livros que nos restaram] são perfeitamente desnecessários: uma vez que você tenha certeza que ao responder qualquer questão que seja deve-se suspender o juízo, por quê se importar em questionar se alguma coisa causa outra, ou se alguma coisa é naturalmente boa ou má? A resposta a essas questões já está determinada; e tudo que se faz é desperdiçar tinta”<sup>39</sup>. Mas penso que isso é fundamentalmente entender mal o que Sexto quer fazer. Em primeiro lugar, ele não está interessado em argumentar à favor da conclusão segura de que “deve-se suspender o juízo” sobre qualquer tópico; como dissemos anteriormente, isso é realmente inconsistente com a suspensão do juízo. Mas mesmo se nos orientássemos nessa direção, ao invés de falar em gerar a suspensão do juízo enquanto um efeito, este não é um efeito que Sexto espera ou deseja produzir de uma vez por todas. O ceticismo é uma atividade *em andamento*; a suspensão do juízo é gerada de novo e de novo, sobre um tópico depois do outro, por um exercício sempre-renovado da habilidade cética.

Barnes vê o ceticismo de Sexto tanto global como local; global na medida em que tem os Cinco Modos, local na medida em que se engaja em argumentação particular sobre tópicos específicos. Ele [Barnes] entende que a tendência global é a mais filosoficamente respeitável das duas. Mas como argumentei em outros capítulos desse volume<sup>40</sup>, Sexto não é um filósofo no sentido usual do termo<sup>41</sup>. E me parece que a tendência global é de fato extremamente limitada em Sexto. Sim, ele descreve os Cinco Modos enquanto um grupo. Mas depois ele quase nunca os usa dessa maneira; ele usa modos individuais em movimentos argumentativos particulares em tópicos particulares, mas o potencial global dos Cinco Modos em conjunto é quase completamente ignorado uma vez que foram mencionados. Como outros conjuntos de modos, os Cinco Modos são parte da história do pirronismo; e ele faz um bom uso para eles enquanto argumentos individuais. Mas isto está a serviço de um processo sem fim de exibir argumentos em oposição a outro, todos com o objetivo de manter a suspensão do juízo contínua, e assim, contínua a *ataraxia*. A última coisa que ele quer fazer é acabar com isso, da maneira como os Cinco Modos empregados enquanto sistema ameaçaria fazer.

---

são conhecidos hoje em dia como “trilema de Agripa”. O modo da disputa é ignorado na medida em que estabelece a situação em que os teóricos positivos deveriam resolver e a relatividade é ignorada porque não foi bem entendida.

<sup>39</sup> Annas e Barnes 1994/2000, xxvi-xxvii na introdução de Barnes à segunda edição.

<sup>40</sup> Veja especialmente cap. 2; e também cap. 1.

<sup>41</sup> Comentando o fato de que Sexto não parece estar buscando a verdade, Barnes diz que “este é a minha principal crítica a ele enquanto filósofo” (Annas e Barnes 1994/2000, xxx na segunda edição). Não está inteiramente claro se “enquanto filósofo” se refere a Sexto ou ao próprio Barnes enquanto crítico; mas assumo que ao primeiro. Se for isso, e assumindo a mesma concepção de filosofia em que esta é essencialmente uma busca pela verdade, Sexto pode simplesmente responder “o que te fez me confundir com um filósofo?”

Encerro com algumas poucas observações sobre como Sexto de fato usa membros individuais dos Cinco Modos. É frequentemente sugerido que ele os usa por toda a parte, independentemente do tópico. Mas, de fato, seu uso deles é muito mais comum em contextos em que nós chamaríamos epistemológicos do que em outras partes<sup>42</sup>. Isso claramente faz bastante sentido; na medida em que, claro, é possível questionar a base para alguma afirmação seja qual for o tópico – de modo que os Cinco Modos podem em princípio ser relevantes em qualquer área de pesquisa – quando questões sobre a justificação de afirmações e teorias são em si mesmas o assunto é que eles são mais provavelmente úteis. Agora, não é sempre muito claro, em um caso dado, se deveríamos dizer que ele [Sexto] está invocando esses modos. É interessante que o único [modo] que ele regularmente se refere pelo nome, incluindo o palavra “modo”, é o modo da circularidade (*diallêlos tropos* nos *Esboços*, *di'allêllôn tropos* nas outras obras<sup>43</sup>). Nos outros casos, ele frequentemente usa as palavras “ao infinito” (*eis apeiron*), às vezes “disputa sem resolução” (*anepikritos diaphônia*) e, ocasionalmente, “hipótese” (*hupóthesis*); mas ele sempre se vale da mesma forma do argumento sem usar esses termos e raramente, se alguma vez, os chama modos. Suspeito que isso seja porque o modo da circularidade é muito específico e discutivelmente uma construção argumentativa técnica, enquanto que os demais, ao menos enquanto formas individuais de argumento, podem facilmente ocorrer a qualquer pessoa atenta – e pode ser coloquialmente apreendido respectivamente por “prove isso!”, “não há maneira de decidir” e “você está apenas dizendo isso”. De qualquer maneira, essa frouxidão na linguagem de Sexto é uma razão para haver lugar para desacordo sobre como frequentemente ele usa esses modos. Concedendo-se isso, entretanto, minha contagem aproximada ao longo de sua obra produziu os seguintes resultados.

*Contra os Lógicos* (M 7-8) trata do critério de verdade, da verdade em si, sinais e demonstração. Seguindo a introdução à sequência inteira de livros *Contra os Lógicos*, *Físicos* e *Éticos* (M 7.1-24) e uma introdução ao tópico do critério (M 7.25-45), começa-se com um longa pesquisa histórica das visões concernentes ao critério de verdade (M 7.46-260). Não vejo ocorrência dos Cinco Modos em nenhum desses seguimentos. Mas ao longo do resto de *Contra os Lógicos* – os argumentos contra o critério de verdade (M 7.261-445), e outros tópicos (M 8) – encontrei um total de vinte e um lugares onde um ou mais dos Cinco Modos são invocados<sup>44</sup>. No tratamento do mesmo tópico no livro 2 de *Esboços pirrônicos* (PH 2.1-192), encontrei quatorze lugares<sup>45</sup>. Mas não há ocorrências no restante desse livro (PH 2.193-259),

<sup>42</sup> Isso foi notado por Williams 1988, 578; fora daqui, isso parece não ter recebido muita atenção.

<sup>43</sup> Essa mudança de terminologia é interessante em si mesma. *Di'allêllôn*, “um pelo outro” [“through one another”], é vocabulário grego comum; *diallêlos* é um adjetivo cunhado daquele e usado apenas por filósofos e gramáticos. *Diallêlos* tem outros usos à parte do cético. Mas é claramente um termo técnico relativamente raro e está limitado à antiguidade tardia. Alguns leitores podem sem dúvida adivinhar o que direi em seguida: o fato de que PH usa *diallêlos*, enquanto que as outras obras usam *di'allêllôn*, se encaixa satisfatoriamente na visão de que PH é a última das obras de Sexto. Não insistirei nisso – pode-se sempre pensar em razões porque Sexto pode ter feito a mudança de vocabulários em outra direção – mas isso me parece sugestivo.

<sup>44</sup> M 7.315 (hipótese), 339 (hipótese, regressão infinita), 340 (regressão infinita), 341 (circularidade), 426 (circularidade), 429 (regressão infinita), 8.16 (regressão infinita), 19 (regressão infinita), 21-2 (regressão infinita, circularidade), 28-9 (circularidade, regressão infinita), 50 (regressão infinita), 78 (regressão infinita), 86 (circularidade), 122 (circularidade), 257 (desacordo), 261 (circularidade), 347 (regressão infinita), 370 (hipótese), 379 (circularidade), 436 (hipótese), 464 (hipótese). Será notado que algumas dessas passagens são muito próximas umas das outras. Meu princípio de individualização, aqui e nas notas seguintes, é simples: dois ou mais modos contam como uma única ocorrência se eles figuram enquanto parte de um único argumento conectado, mas como ocorrências separadas se eles figurarem em argumentos separados.

<sup>45</sup> PH 2.19-20 (desacordo, circularidade, hipótese, regressão infinita), 35-6 (hipótese, circularidade, regressão infinita), 56 (desacordo, mais algumas alusões aos Dez Modos, como notado anteriormente), 68 (circularidade), 78 (regressão infinita), 85 (desacordo, hipótese, regressão infinita, circularidade), 89 (regressão infinita), 90 (regressão infinita), 91-3 (regressão infinita, circularidade), 113-4 (desacordo,

onde, diferente de qualquer lugar em *Contra os Lógicos*, questões que consideraríamos lógicas, ao invés de epistemológicas, são o principal foco de atenção. No que diz respeito ao tratamento de Sexto aos físicos e éticos, vejo uma ocorrência em *Contra os Físicos* (M 9-10), três em *Contra os Éticos* (M 11), e cinco no livro 3 de *Esboços*, todas elas na porção da física ao invés da ética<sup>46</sup>. No que diz respeito ao *Contra os Professores* (M 1-6), encontrei um total de seis ocorrências<sup>47</sup>. Penso que o padrão é bastante claro.

Dois outros pontos menos óbvios parecem emergir desses dados. Primeiro, a ocorrência do material dos Cinco Modos é muito mais frequente, página à página, nos *Esboços* que nas outras obras<sup>48</sup>. Para o propósito presente, assumo que o comprimento médio do número de seções de Sexto é mais ou menos uniforme ao longo de sua obra. Então, se tomarmos os livros 2 e 3 dos *Esboços* contra os cinco livros de *Contra os Lógicos, Físicos e Éticos*, temos 19 ocorrências em 540 seções contra 25 em 1975 seções, ou, em média, 3.5 ocorrências por 100 seções contra 1.3. E se nos limitamos apenas às porções epistemológicas, onde essas ocorrências são muito mais frequentes, temos 14 em 192 seções contra 21 em 667<sup>49</sup>, ou 7.3 por 100 seções contra 3.1. O segundo ponto é que os *Esboços* mostram uma prontidão muito maior a usar mais que um dos Cinco Modos combinados. Como fica aparente nas citações em rodapé do parágrafo anterior, há três lugares em *Contra os Lógicos, Físicos e Éticos* onde dois modos são empregados conjuntamente, enquanto nos livros 2 e 3 dos *Esboços* há sete usando ao menos dois (onde, novamente, o comprimento relativo desses trechos é 1975 seções contra 540). Além disso, até onde vejo, *Contra os Lógicos, Físicos e Éticos* nunca usam mais que dois conjuntamente. Por outro lado, como vimos anteriormente, os *Esboços* usam quatro modos em conjunto duas vezes e há um outro caso (PH 2.35-6) onde penso que podemos ver três; [aqui] a regressão infinita e o modo da circularidade estão claramente presentes, mas a menção, duas vezes feita, de que alguém que fala *akritôs*, “sem fazer julgamento”, não terá credibilidade, me parece ser um caso ligeiramente solto do modo da hipótese.

O que devemos fazer com essas discrepâncias entre os *Esboços* e as demais obras? Penso que é certo conectar ambas com o caráter de “esboço” da obra, que Sexto frequentemente nos relembra. Como vimos, os Cinco Modos são projetados para interromper as tentativas de estabelecer um tese. Se Sexto as usa em demasia, isso poderia até fazer do exercício de considerar individualmente doutrinas filosóficas como um todo sem sentido. Ao contrário do que Jonathan Barnes aparentemente teria preferido, Sexto não quer ir nessa direção; a ele agrada longos tratamentos discursivos sobre múltiplos tópicos, e está é uma parte de seu entendimento do ceticismo como uma “habilidade”. Mas a natureza dos Cinco Modos é tal que, quanto mais se usa eles e quanto mais se usa eles em combinação uns com os outros, mais rapidamente se pode acabar com um argumento. Outra maneira de olhar para isso é que, introduzir um dos Cinco Modos é um jeito de

---

circularidade), 124 (regressão infinita), 91-3 (regressão infinita, circularidade), 113-14 (desacordo, circularidade), 124 (regressão infinita), 128 (regressão infinita), 182 (regressão infinita), 183 (circularidade).

<sup>46</sup> M 9.47 (circularidade), 11.183 (circularidade), 229 (desacordo), 230 (desacordo), PH 3.8 (regressão infinita), 22 (circularidade), 24 (regressão infinita), 35-6 (circularidade, regressão infinita), 53 (regressão infinita, circularidade).

<sup>47</sup> M 1.1157 (hipótese, circularidade), 180/183 (regressão infinita, introduzida em 180 e referenciada novamente em 183), 2.109 (regressão infinita), 3.7-17 (hipótese – esta é uma crítica estendida da legitimidade da hipótese), 97 (circularidade), 99 (circularidade).

<sup>48</sup> No que se segue, deixo de lado *Contra os Professores*. Dado seu assunto distinto, o comparar com as demais obras é menos significativo que comparar as porções lógica, física e ética das outras duas obras umas com as outras. Mas de qualquer modo, o muito pequeno número de usos do material dos Cinco Modos neste trabalho deixa óbvio que PH está muito à frente dele nesse respeito.

<sup>49</sup> Nesses cálculos incluo apenas a parte epistemológica, não a lógica de PH 2 e omito a primeira parte de M 7 (1-260); sobre isso, ver o parágrafo anterior.

realmente *mencionar* um argumento sem de fato ir em seus detalhes; se se diz “regressão infinita” ou “modo da circularidade”, se está apontando para uma linha extensa de raciocínio que então não tem de ser especificada. É claro que Sexto frequentemente oferece alguns detalhes sobre como essas formas de raciocínios serão exibidas em relação ao tópico em discussão; mas uma vez que o modo pertinente foi mencionado, a extensão em que ele realmente o faz é mais ou menos opcional. Por todos esses motivos, então, é compreensivo que os *Esboços*, que é deliberadamente breve (na concepção de brevidade muito generosa de Sexto), invocaria os Cinco Modos mais vezes e a mais deles de uma vez que as demais obras de Sexto.

3. Os resultados desse estudo são, de um ponto de vista, bastante decepcionantes: os modos não são em parte alguma tão importantes quanto eles soam ser quando Sexto os introduz no primeiro livro dos *Esboços*. Os Oito Modos são um embaraço; os Dez Modos são inadequados aos objetivos gerais de Sexto e amplamente ignorados depois que ele faz sua exposição; e os Cinco Modos, ainda que seja certamente de muito maior interesse a ele, também não o são particularmente conveniente se usados da maneira sistemática que Agripa, seja lá quem ele foi, aparentemente intencionava – Sexto prefere usá-los em pedaços e partes. Mas isso apenas ilustra que Sexto está próximo ao final de uma longa tradição do ceticismo pirrônico. Ele carrega muito de uma bagagem histórica que ele sente alguma lealdade. Ao mesmo tempo, muito dessa bagagem, ele não parece achar especialmente útil. Poderíamos com certeza entender melhor sobre isso se nossas evidências que dizem respeito ao pirronismo, além do trabalho do próprio Sexto, não fossem tão limitadas; fiz algum esforço aqui para entender as intenções de Enesidemo enquanto opostas às de Sexto, mas muito do que diz respeito à tradição histórica do pirronismo está fadado a permanecer obscura. Nessa situação, pode ser bom lembrar que o que Sexto está fazendo o que diz, e as coisas que ele faz de fato podem não estar sempre perfeitamente alinhadas umas com as outras, e que a razão para isso pode não ser incompetência de sua parte, mas fatores históricos que não podemos esperar entender mais do que em linhas gerais.

## Referências

- ANNAS, J. e Barnes, J. 1985. *The Modes of Scepticism: Ancient Texts and modern Interpretations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ANNAS, J. e Barnes, J. (ed.). 1994. *Sextus Empiricus. Outlines of Scepticism: Ancient Texts and modern Interpretations*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BARNES, J. 1990. *The Toils of Scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BETT, R. 2018b. *Sextus Empiricus. Against Those in the Disciplines*. Oxford: Oxford University Press.
- BRENNAN, T. e Lee, J. 2014. A Relative Improvement. *Phronesis* 59: 246-71.
- BRENNAN, T. e Roberts, C. 2018. Sextus Empiricus. In: Machuca, D. e Reed, B. (eds.). *Skepticism: From Antiquity to the Present*. London: Bloomsbury Publishing, p. 125-44.
- BULLOCK, J. 2016. The Challenges of the Modes of Agrippa. *Apeiron* 49: 409-35.
- HANKINSON, R. J. 1995. *The Sceptics*. London: Routledge.



- MORISON, B. 2011. The Logical Structure of the Sceptic's Opposition. *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 40: 265-95. [Tradução brasileira de Fernando Sousa Moura: A estrutura lógica da oposição cética, *Sképsis* 21: xxx-yyy.]
- MORISON, B. 2014. Sextus Empiricus. *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, on line.
- POWERS, N. 2010. The System of the Sceptical Modes in Sextus Empiricus. *Apeiron* 43: 157-71.
- SEDLEY, D. 2015. Diogenes Laertius on the Ten Pyrrhonist Modes. In: Vogt, K. (ed.) *Pyrrhonian Skepticism in Diogenes Laertius*. SAPERE Series, vol. 25, Tübingen: Mohr Siebeck, p. 171-85.
- STRIKER, G. 1983. The Ten Tropes of Aenesidemus. In: Burnyeat, M. (ed.) *The Skeptical Tradition*. Berkeley: University of California Press, p. 95-115.
- WILLIAMS, M. 1988. Scepticism Without Theory. *Review of Metaphysics* 41: 745-88.
- WILLIAMS, M. 2010. Descartes' Transformation of the Sceptical Tradition. In: Bett, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 288-313.
- WOODRUFF, P. 2010. The Pyrrhonian Modes. In: Bett, R. (ed.) *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 208-31.